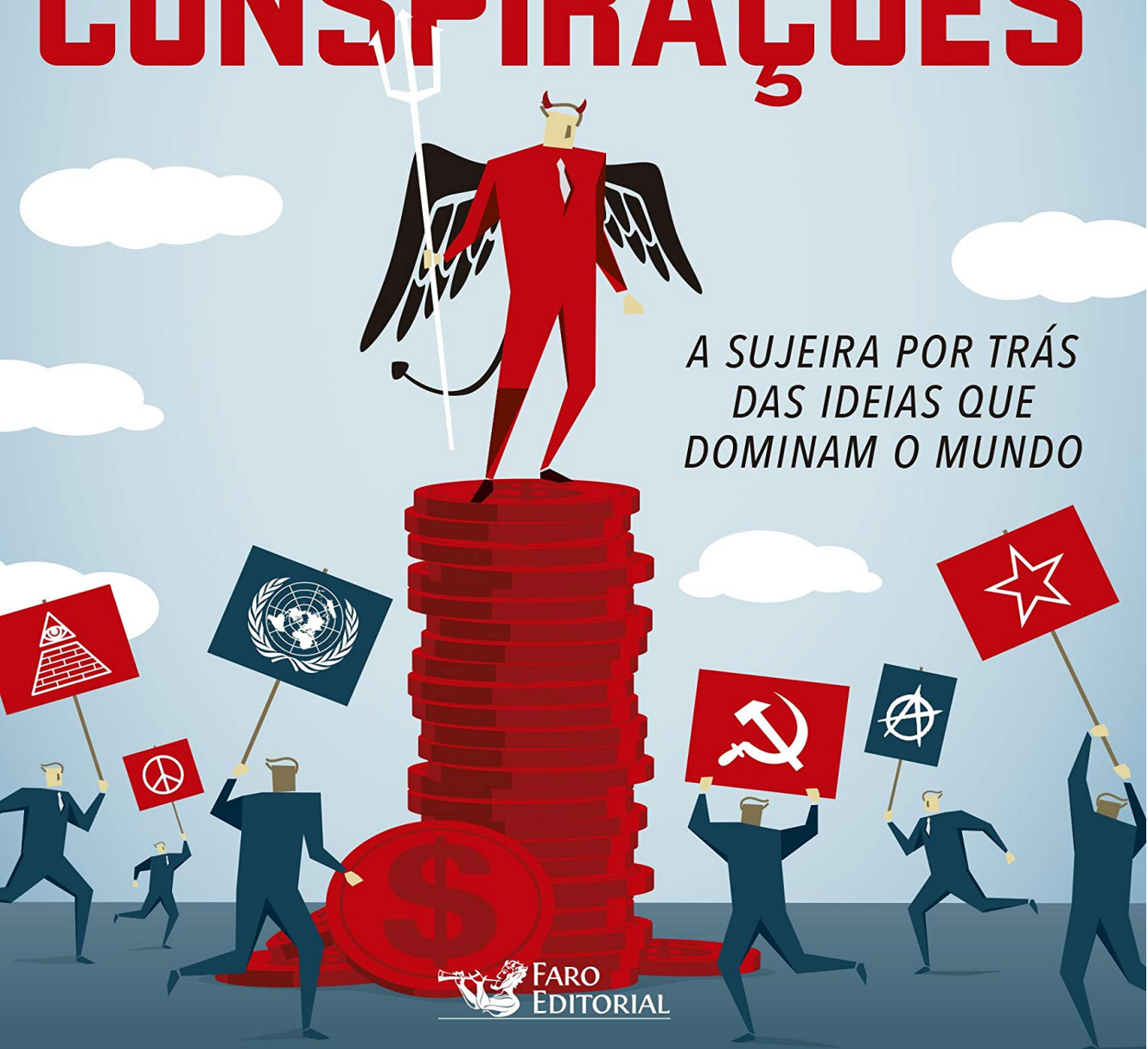


GARY ALLEN E LARRY ABRAHAM

POLÍTICA, IDEOLOGIA E CONSPIRAÇÕES

*A SUJEIRA POR TRÁS
DAS IDEIAS QUE
DOMINAM O MUNDO*



 FARO
EDITORIAL

POLÍTICA, IDEOLOGIA E CONSPIRAÇÕES

A SUJEIRA POR TRÁS DAS IDEIAS
QUE DOMINAM O MUNDO

GARY ALLEN
COM LARRY ABRAHAM

Tradução:
Eduardo Levy



Nota da Edição

A definição de “conservador” usada neste livro, lançado na década de 1970, está mais próxima do que chamamos atualmente de “liberal”.

Introdução

A HISTÓRIA QUE VOCÊ ESTÁ PRESTES A LER É REAL. OS

nomes não foram mudados para proteger os culpados. Este livro pode ter o efeito de mudar vidas. Depois de lê-lo você jamais enxergará como antes os grandes acontecimentos nacionais e internacionais.

Política, Ideologia e Conspirações é um livro bastante controverso, que recebeu pouca divulgação onde foi publicado — e aqueles cujos planos ele desmascara tentarão enterrá-lo por meio do silêncio. Entretanto, não há nada que possa frear um sistema de distribuição popular deste livro. Chegará o momento em que os indivíduos e as organizações aqui citados tentarão embotar o efeito do trabalho atacando-o, ou aos seus autores, pois têm imenso interesse em impedir que mais pessoas descubram o que eles estão fazendo.

Alguns “especialistas” vão tentar ridicularizar as informações deste livro; ignorarão o fato de que os autores admitem que algumas das suas ideias são teses, porque aqueles que sabem a verdade não têm a menor intenção de confessá-la; ou contestarão algum ponto que está aberto a

discussão. Se necessário, mentirão para proteger-se. Por uma questão psicológica, muitos preferirão acreditar naqueles que empinam o nariz para as informações aqui presentes, porque todos gostamos de ignorar más notícias. Fazemo-lo por nosso próprio risco!

Por ter sido professor universitário, senador estadual e agora deputado, já convivi com verdadeiros profissionais em erigir cortinas de fumaça para acobertar as próprias ações por meio da destruição daquele que as revelou. Eu espero que você leia este livro com atenção, tire as suas próprias conclusões e não aceite as opiniões daqueles que, por necessidade, tentarão desmoralizá-lo.

John G. Schmitz
Deputado
25 de outubro de 1971*

* O livro foi originalmente publicado em 1971, e a introdução foi escrita no mesmo ano. Schmitz vaticinou o futuro do livro, algo que realmente se cumpriu. Apenas nos EUA contabilizou , na época, mais de 5 milhões de exemplares.

CAPÍTULO 1

Não venha me confundir com os fatos



Gerald R. Ford, em campanha à presidência dos EUA, anos 1970.

FOSSE QUANDO ÉRAMOS CRIANÇAS OU ENQUANTO

brincávamos com nossos filhos, quase todos já tivemos a experiência de tentar descobrir a “imagem oculta” dentro de outra imagem em uma revista infantil. Geralmente vê-se um cenário com árvores, arbustos, flores e outros elementos da natureza, e a legenda diz mais ou menos o seguinte: “Oculto em algum lugar desta imagem está um burro puxando uma carroça com um menino dentro. Você consegue encontrá-lo?” Por mais que tentássemos, era quase impossível achar a imagem sem olhar na última página da revista, que revelava a resposta e a esperteza do artista em escondê-la. Quando analisamos o cenário, percebemos que a imagem completa foi desenhada de modo a ocultar dentro de si a “imagem verdadeira”, a qual, uma vez enxergada, é a única coisa que se consegue ver.

Acreditamos que os desenhistas da grande mídia nos exibem cenários engenhosos que ocultam deliberadamente a imagem verdadeira. Mostraremos neste livro como encontrar a “imagem verdadeira” nos

cenários que, todos os dias, os jornais, o rádio e a televisão apresentam para nós. Quando conseguir ver através da camuflagem, você verá o burro, a carroça e o menino que estavam lá o tempo todo.

Por exemplo, milhões de americanos, preocupados e frustrados com os problemas que se abatem sobre seu país, sentem que há algo errado, profundamente errado, mas não conseguem pôr o dedo na ferida certa por causa dos desenhistas.

Talvez seja esse o seu caso: alguma coisa o incomoda, mas você não sabe bem o quê. Os americanos continuam a eleger presidentes que prometem, com aparente sinceridade, impor limites aos gastos extravagantes do governo, matar o dragão da inflação, pôr a economia nos trilhos, frear o avanço do autoritarismo no mundo, reverter as tendências que estão transformando o país em um esgoto moral e botar os criminosos atrás das grades, onde é o lugar deles. Contudo, a despeito das elevadas esperanças e das estrondosas promessas de campanha, esses problemas ficam cada vez piores, não importando quem esteja no poder. Cada novo governo, seja republicano ou democrata, dá sequência às mesmas diretrizes fundamentais do governo anterior que tinha condenado amplamente na campanha eleitoral. Pega mal mencionar essas coisas, mas nem por isso elas deixam de ser verdadeiras. Existe alguma razão plausível que explique por que isso acontece? Espera-se que não pensemos nisso. Espera-se que imaginemos que tudo isso é coincidência e acidente e que, portanto, não há nada a se fazer a respeito.

Franklin Delano Roosevelt dizia que “em política, nada acontece por acidente. Se acontece, pode apostar que foi planejado para acontecer”. Roosevelt sabia das coisas. Nós acreditamos que muitos dos grandes acontecimentos globais que estão moldando nosso destino ocorrem porque alguém ou algum grupo assim os planejou. Se estivéssemos diante de uma simples lei das probabilidades, metade dos eventos que afetam o bem-estar dos EUA deveria ser benéfico. Se estivéssemos diante de simples incompetência, os governantes errariam a favor do povo de vez em quando. Tentaremos provar que, na verdade, não estamos diante de coincidências nem de estupidez, mas de planejamento e brilhantismo. Este livro trata desse planejamento e desse brilhantismo e de como eles

moldaram a política interna e a política externa de seis governos americanos.* Esperamos que ele explique questões que até agora pareciam inexplicáveis; que coloque dentro de foco com exatidão as imagens que têm sido obscurecidas pelos cenários pintados pela grande mídia.

Quem quer que acredite que grandes acontecimentos mundiais são resultado de planejamento é ridicularizado por crer na “teoria da conspiração da história”, pois é claro que ninguém, em plena modernidade, acredita de verdade na teoria da conspiração da história — exceto aqueles que se dedicaram ao estudo do tema. Na verdade, existem apenas duas teorias da história: ou as coisas acontecem por acidente sem que ninguém as tenha planejado nem causado ou acontecem porque *foram* planejadas e causadas por alguém. Na realidade, é a teoria acidental da história pregada nos dessacralizados salões das universidades da Ivy League** que deve ser ridicularizada. Caso contrário, como se explica que todo novo governo cometa os mesmos erros dos governos anteriores? Por que esses governos repetem os erros que produziram, no passado, inflação, depressão e guerra? Por que o Departamento de Estado “tropeça” a cada passo numa nova “burrada” que beneficia os comunistas? Se acreditar que tudo isso é acidente ou resultado de fluxos históricos misteriosos e inexplicáveis, você será considerado um “intelectual” que entende que vivemos em um mundo complexo. Se acreditar que por volta de 32.496 coincidências consecutivas ao longo dos últimos quarenta anos força um pouquinho a lei das probabilidades, você é pirado!

Por que é que virtualmente todos os acadêmicos “respeitáveis” e colunistas “de renome” da grande mídia rejeitam a teoria de causa e efeito da história, isto é, a teoria da conspiração da história? Em primeiro lugar, porque a maioria dos acadêmicos segue o rebanho do mundo acadêmico

* Richard Nixon (1969-1974), Lyndon B. Johnson (1963-1969), John F. Kennedy (1961-1963), Dwight Eisenhower (1953-1961), Harry S. Truman (1945-1953), Franklin D. Roosevelt (1933-1945). (N. do T.)

** Ivy League é um grupo formado por oito das universidades mais prestigiadas dos Estados Unidos: Brown, Colúmbia, Cornell, Dartmouth, Harvard, Princeton, Universidade da Pensilvânia e Yale.

como muitas pessoas seguem a moda; nadar contra a corrente implica ostracismo social e profissional. O mesmo acontece na grande mídia. Embora catedráticos e analistas professem ser tolerantes e manter a mente aberta, na prática essa tolerância é uma via de mão única — com todo o tráfego correndo para a esquerda. Os esquerdistas do Reino da Torre de Marfim* e os formadores de opinião do *establishment* toleraram até maoístas, mas ser conservador — e pior: conservador proponente da visão conspiratória — é terminantemente proibido. É mais negócio ficar bêbado no meio de uma convenção proibicionista!

Em segundo lugar, essas pessoas desenvolveram ao longo dos anos grandes interesses escusos nos próprios erros, que as tornaram totalmente comprometidas, de ego e intelecto, com a teoria acidental. O exame das provas da existência de uma conspiração guiando nosso destino político nos bastidores obrigaria muitas delas a repudiar toda uma vida de opiniões acumuladas, e pouca gente admite de bom grado ter sido ludibriada ou ter se equivocado. É preciso ser alguém de personalidade forte para encarar os fatos e admitir que se enganou, mesmo que por falta de informações. Esse foi o caso dos autores deste livro. Foi só porque se dispuseram a provar que os conservadores anticomunistas estavam errados que acabaram por escrevê-lo. Sua reação inicial ao ponto de vista conservador foi de suspeita e hostilidade, e só depois de muitos meses de pesquisa intensa tiveram de admitir que haviam sido ludibriados.

Políticos e “intelectuais” têm atração pela ideia de que os acontecimentos são desencadeados por um misterioso fluxo histórico ou se dão por acidente, porque assim podem escapar da culpa quando as coisas dão errado. A maioria dos intelectuais, tanto os pseudo quanto os autênticos, finge que a teoria da conspiração da história não existe. Não tenta refutar as provas jamais, pois elas não podem ser refutadas. Quando a cortina de silêncio não

* A expressão Torre de Marfim designa um mundo ou atmosfera onde intelectuais se envolvem em questionamentos desvinculados das preocupações práticas do dia a dia. Como tal, tem uma conotação pejorativa, indicando uma desvinculação deliberada do mundo cotidiano. Em inglês, Ivory Tower presta-se um trocadilho com Ivy League, sugerindo algo como “Torre de Marfim da Ivy League”.

funciona, os acadêmicos e formadores de opinião “objetivos” recorrem a escárnio, sátira e ataques pessoais — que tendem a desviar a atenção dos fatos que o escritor ou palestrante está tentando revelar; a ideia é forçá-lo a interromper sua explicação e perder tempo e esforço defendendo-se.

Porém, as armas mais efetivas usadas contra a teoria da conspiração da história são o escárnio e a sátira. Usadas com habilidade, elas são extremamente potentes para evitar qualquer tentativa honesta de refutar os fatos. Afinal de contas, ninguém gosta de ser ridicularizado. A fim de evitar o escárnio, a maioria se cala — e este tema é sem dúvida propício ao escárnio e à sátira. Uma das técnicas usadas para isso é a ampliação da conspiração até o absurdo. Por exemplo, nosso homem nos peçonhentos salões universitários pode dizer naquele tom arrogante de deboche: “Você deve acreditar que todo professor esquerdista recebe pela manhã um telegrama do quartel-general da conspiração com as ordens diárias para a lavagem cerebral dos estudantes”. Alguns teóricos da conspiração de fato carregam nas tintas, estendendo a conspiração do pequeno círculo secreto em que ela consiste até a inclusão de todos os afetados da esquerda e burocratas do mundo. Ou, devido a intolerâncias raciais ou religiosas, pegam pequenos fragmentos de provas legítimas e os ampliam até chegar a uma conclusão que confirme seu preconceito particular, por exemplo, de que a conspiração é totalmente “judia”, “católica” ou “maçônica”. Em vez de ajudar a revelar a conspiração, essas pessoas, infelizmente, caem no jogo daqueles que querem que o público pense que todos os teóricos da conspiração são desmiolados.

Os “intelectuais” adoram um clichê empolado, do tipo “a teoria da conspiração é muito tentadora, porém simplista em demasia”. Imputar absolutamente tudo o que acontece a maquinações de um pequeno grupo de conspiradores sedentos por poder é de fato simplista em demasia. Em nossa opinião, porém, nada é mais simplista do que se apegar de forma obstinada à visão acidental dos grandes acontecimentos mundiais.

Na maioria dos casos, os alinhados à esquerda simplesmente tacham de paranoico todo aquele que discute a conspiração. “Ah, vocês direitistas”, dizem eles, “balançando todos os arbustos, revirando todas as pedras, procurando por bichos-papões imaginários”. Depois vem o golpe de misericórdia: rotular a teoria da conspiração de “teoria demoníaca da

história”. As esquerdas adoram essa. Ainda que seja uma frase vazia, soa tão sofisticada!

Como as figuras importantes do mundo acadêmico e da mídia adotam essa atitude debochada com a teoria da conspiração (ou de causa e efeito) da história, não surpreende que milhões de pessoas inocentes e bem-intencionadas, tomadas pelo desejo natural de não parecer ingênuas, adotem as atitudes e repitam os clichês dos formadores de opinião. Na tentativa de parecer sofisticadas, elas copiam o ar de superioridade olímpica de seus mentores, embora não tenham destinado nem cinco minutos ao estudo do tema da conspiração internacional.

Os “acidentalistas” querem que acreditemos que é “simplista” atribuir qualquer um dos nossos problemas a planejamento, e que na verdade todos eles são causados pela tríade Pobreza, Ignorância e Doença — que doravante chamaremos de PID. Ignoram o fato de que os conspiradores organizados usam a PID, real e imaginária, como pretexto para construir uma prisão para todos nós. A maior parte do mundo sofre de PID desde tempos imemoriais, e seria incrivelmente superficial pensar que a sucessão de desastres empreendidos pelo governo dos EUA se deve à PID. Os “acidentalistas” ignoram o fato de que alguns dos países mais avançados do mundo foram conquistados pelos comunistas, como a Tchecoslováquia, que era um dos mais industrializados, e Cuba, que tinha a segunda maior renda *per capita* da América Central e do Sul.

Não é verdade, porém, que não existem membros da elite intelectual que subscrevem a teoria da conspiração da história. Por exemplo, temos o professor Carroll Quigley, da Foreign Service School, da Universidade de Georgetown. Ninguém pode acusar o professor Quigley de ser “extremista de direita” (a grande mídia fez com que estas palavras se tornassem inseparáveis). Quigley tem todas as credenciais “esquerdistas”, já que lecionou nas mecas acadêmicas do *establishment* progressista: Princeton e Harvard. Em *Tragedy and Hope* [Tragédia e Esperança], de 1.350 páginas e quase 2,5 quilos, Quigley revela a existência da rede conspiratória que será discutida neste livro. O professor não apenas formula uma teoria, mas revela a existência daquela rede a partir de experiência direta. Ele

também esclarece que é apenas ao sigilo da rede que tem objeções, não a seus objetivos. Quigley revela:

“Conheço as operações dessa rede porque eu a estudei por vinte anos e porque me foi permitido, no começo da década de 1960, ter acesso a seus papéis e registros secretos por dois anos. NÃO TENHO AVERSÃO NENHUMA A ELA NEM À MAIOR PARTE DOS SEUS OBJETIVOS, E DURANTE GRANDE PARTE DA MINHA VIDA ESTIVE PRÓXIMO DELA E DE MUITOS DOS SEUS DISPOSITIVOS. Já levantei objeções a algumas de suas políticas, tanto no passado quanto recentemente... mas no geral a principal diferença de opinião entre mim e ela reside no fato de que ESSA REDE DESEJA PERMANECER DESCONHECIDA, ao passo que eu acredito que seu papel na história é significativo demais para deixar de ser conhecido.” (Grifo nosso)

Concordamos: seu papel na história merece ser conhecido. Esta é a razão pela qual escrevemos este livro. Entretanto, discordamos enfaticamente do objetivo dessa rede, que, segundo descreve Quigley, consiste em “nada menos que criar um sistema mundial de controle financeiro a cargo de mãos privadas capaz de dominar o sistema político de todos os países e a economia mundial como um todo”. Em outras palavras, esse círculo secreto sedento de poder quer controlar e dominar o mundo. Ou, o que é ainda mais assustador: esse círculo secreto quer controle total sobre todas as ações individuais. Como observa o professor Quigley: “A liberdade e a escolha do indivíduo serão mantidas dentro de alternativas bastante restritas, visto que ele será numerado ao nascer e monitorado, como um número, ao longo da formação educacional, do serviço militar obrigatório ou de outros serviços públicos obrigatórios, das declarações de imposto de renda, das consultas e obrigações médicas, da aposentadoria e do seguro de vida.” Essa organização quer ter controle de todos os recursos naturais, negócios, operações bancárias e transportes por meio do controle dos governos do planeta. A fim de alcançar esses objetivos, os conspiradores não tiveram nenhum escrúpulo em fomentar guerras, depressões e ódios. Eles querem um monopólio que eliminaria todos os competidores e destruiria o sistema de livre-iniciativa. E o professor Quigley, de Harvard, Princeton e Georgetown, *aprova* tudo isso!

Mas ele não é o único acadêmico que está ciente da existência de um círculo secreto de conspiradores que se autopropetuum, a quem chamaremos de *Adeptos*. Outros estudiosos honestos, deparando sempre com os mesmos indivíduos nas cenas de incêndios políticos desastrosos, concluíram que obviamente existe uma organização de piromaníacos atuando no mundo. Embora sejam intelectualmente honestos, eles não têm dúvida de que suas carreiras seriam destruídas caso tentassem desafiar os *Adeptos* abertamente. Os autores deste livro sabem da existência desses homens porque têm contato com alguns deles.

Há também alguns líderes religiosos que estão cientes da existência dessa conspiração. Segundo relatou uma reportagem da United Press International (UPI), de 27 de dezembro de 1965, o padre Pedro Arrupe, chefe da Ordem Jesuíta da Igreja Católica, apresentou as seguintes acusações no Concílio Vaticano II:

“Essa sociedade sem Deus opera de maneira eficientíssima, ao menos nos mais elevados graus de sua liderança. Ela lança mão de absolutamente todos os meios que lhe estejam disponíveis, sejam eles científicos, técnicos, sociais ou econômicos. Ela segue uma estratégia perfeitamente preordenada. Detém sob jugo quase completo as organizações internacionais, os círculos financeiros, os meios de comunicação de massa; imprensa, cinema, rádio e televisão.”

Para convencer as pessoas da possível existência de um círculo secreto conspiratório de *Adeptos* que manipula as políticas governamentais desde esferas muito elevadas, é preciso superar vários problemas. Neste caso, a verdade é de fato mais estranha que a ficção. Estamos lidando com o maior romance policial da história, um *thriller* de mistério perante o qual os romances de Erle Stanley Gardner* não são nada. Se você adora um mistério, ficará fascinado com o estudo das operações dos *Adeptos*. Se estudar de verdade a rede de que fala o professor Quigley,

* Erle Stanley Gardner foi um advogado criminalista e um prolífico escritor de histórias policiais e criador do famoso detetive Perry Mason. Ele faleceu em 1970, aos 82 anos, na Califórnia.

descobrirá que aquilo que a princípio parecia inacreditável não apenas existe, mas também influencia enormemente nossas vidas.

É preciso lembrar que o primeiro dever de qualquer conspiração, esteja ela instalada na política, no crime ou dentro de um escritório, consiste em convencer as demais pessoas de que não existe conspiração alguma. O sucesso dos conspiradores será determinado em grande medida pela sua capacidade de fazer isso. Que a elite do mundo acadêmico e da grande mídia sempre desdenhe a existência dos *Adeptos* serve apenas para camuflar as ações deles: os “artistas” escondem o menino, a carroça e o burro.

É possível que em algum momento você já tenha sido parte, ou pelo menos tido contato com alguém que foi parte, de um acontecimento que saiu na mídia, talvez algo que dissesse respeito a uma competição esportiva, a uma eleição, a um comitê ou ao seu trabalho. A reportagem continua a história “verdadeira”, a história por detrás da história? Provavelmente não, por uma série de razões. O repórter pode ter tido problemas de tempo ou de espaço, e há grandes chances de os envolvidos não terem revelado todos os fatos de propósito. É possível que os próprios preconceitos do repórter tenham decidido quais fatos entrariam na matéria e quais ficariam de fora. O que queremos dizer é que a maioria das pessoas sabe, por experiência própria, que a história da notícia não é toda a história. Muitos de nós, porém, presumimos que nosso próprio caso é singular quando, na verdade, é típico. O que é verdadeiro na cobertura dos acontecimentos locais é igualmente verdadeiro na cobertura dos acontecimentos nacionais e internacionais.

Problemas psicológicos também desempenham um papel no modo como as pessoas olham as provas relativas aos *Adeptos*, pois em geral elas se sentem confortáveis com suas crenças e concepções. Todos ficaram abaladíssimos quando Colombo lhes disse que o mundo era uma esfera, e não uma panqueca: o que se pedia a eles era que rejeitassem o modo de pensar de toda uma vida para adotar uma perspectiva completamente nova. Os “intelectuais” da época debocharam de Colombo, e as pessoas ficaram com medo de perder prestígio social se lhe dessem ouvidos. Muitos outros simplesmente não queriam acreditar que a Terra era redonda. Crer nisso complicava demais as coisas. E os típicos crentes-da-terra-plana,

cujos egos estavam intimamente ligados àquela visão prevalecente do universo, lançavam insultos contra Colombo por tê-la desafiado. “Não venha nos confundir com fatos; nós já nos decidimos”, diziam eles.

Esses mesmos fatores estão em jogo hoje em dia. Como o *establishment* controla a mídia, quem quer que exponha os *Adeptos* será alvo de artilharia constante pelas injúrias de jornais, revistas, tevês e rádios. Eis como funciona a ameaça de perda da “respeitabilidade social” que se lança contra quem quer que ouse levantar a ideia de que existe organização por trás dos problemas que estão destruindo os EUA no momento. Infelizmente, para muitos o *status* social vem antes da honestidade intelectual. Embora jamais o admitam, para eles a posição social é mais importante do que a sobrevivência da liberdade nos EUA.

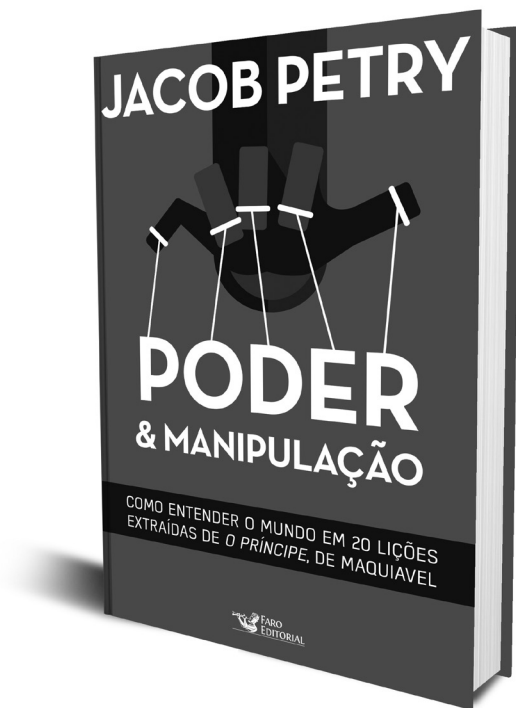
Se você lhes perguntar: “O que é mais importante, ter respeitabilidade social ou salvar os filhos da escravidão?”, eles responderão, é claro, que isto é mais importante do que aquilo. Mas suas ações (ou a falta delas) são muito mais significativas do que suas palavras. Quando se trata da recusa de encarar ameaças à sobrevivência dos EUA, a capacidade de racionalização é infinita. Lá no fundo, as pessoas têm medo de que, se tomarem posição, serão ridicularizadas ou deixarão de receber convites para os jantares inteligentes de um alpinista social qualquer. Em vez de enfurecer-se com os *Adeptos*, ficam com raiva é daqueles que estão tentando salvar o país desmascarando os conspiradores.

Um fato que torna tão difícil para quem está preocupado com o bem-estar da sociedade avaliar objetivamente as provas da conspiração é que os conspiradores provêm dos estratos sociais mais elevados. São imensamente ricos, enormemente eruditos e extremamente cultos. Muitos deles são vistos como filantropos, reputação construída ao longo de toda uma vida. Ninguém gosta de fazer o papel de acusar pessoas proeminentes de conspirar para escravizar seus concidadãos, mas não se pode fugir dos fatos. Dois grupos em particular que são vulneráveis ao papo de “não pôr em risco sua respeitabilidade social” daqueles que não querem que a conspiração seja revelada são o dos empresários e o dos profissionais liberais. Os *Adeptos* sabem que se esses grupos não marcarem posição em prol da salvação do sistema de iniciativa privada, o socialismo, por meio do qual eles pretendem controlar o mundo, será inevitável.

Acreditam ainda que quase todos os empresários e profissionais liberais são demasiado superficiais e decadentes, demasiado preocupados com *status*, demasiado atolados nos próprios problemas profissionais para se importar com o que está acontecendo na política. Assim, essas pessoas são informadas de que tomar posição seria ruim para os negócios e poria em risco seus contratos com o governo. Compra-se o silêncio deles com o dinheiro que eles mesmos pagam em impostos!

Esperamos que os conspiradores tenham subestimado a coragem e o patriotismo que restaram no povo americano. Sentimos que existe um número suficiente de vocês que não foi hipnotizado pela televisão, que põe Deus, pátria e família acima do *status* social, que está disposto a se juntar para revelar e destruir a conspiração dos *Adeptos*. O filósofo Diógenes percorreu todos os cantos da Grécia antiga em busca de um homem honesto. Nós estamos percorrendo todos os cantos dos EUA em busca das centenas de milhares de homens e mulheres intelectualmente honestos que estejam dispostos a investigar os fatos e a chegar a conclusões lógicas — sem importar o quanto essas conclusões possam ser desagradáveis.

CONHEÇA TAMBÉM:



A versão moderna de *O Príncipe de Maquiavel.*

Ao compreender essas estratégias, você estará pronto para se defender das pessoas manipuladoras e de posse de ferramentas concretas para agir com mais segurança, ousadia e astúcia perante a vida.



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM FEVEREIRO DE 2023